

A amphora de barro representada no n.º 11 é delicadissima, e conserva-se em perfeito estado.

No n.º 8 vemos o resto de uma lamina de punhal, de cobre.

Nesta freguesia teem sido achados innumerous documentos que attestam a longa estada dos Romanos, mas infelizmente teem sido inutilizados pelas barbaras mãos dos cavadores.

M. VIEIRA NATTIVIDADE.

Archeologia do districto de Bragança

Dolmens de Villarinho e de Zedes

Os dolmens são muito abundantes em Portugal. Só no concelho de Carrazeda de Anciães existem quatro, sendo tres em Villarinho da Castanheira, e um em Zedes.

1. Quando se vae da aldeia da Lousa para Villarinho da Castanheira, a meia distancia, pouco mais ou menos, entre as duas localidades, no sitio chamado *Couto*, o primeiro objecto que desperta a attenção do excursionista, do archeologo, do verdadeiro homem de sciencia, é, sem contestação alguma, a célebre e granitica *Pala da Moura*, como lhe chamam os naturaes, ou antes, segundo a sua denominação technica, a monumental *anta* ou *dolmen*. Póde considerar-se um verdadeiro specimen *sui generis*.

Quem pretender estudar convenientemente este grande monumento, deve desembarcar na estação do Freixo, na linha do Douro, atravessar o mesmo rio e seguir a cavallo, cêrca de 6 kilometros, até Villarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Anciães, e depois caminhar para Leste, cêrca de 2 kilometros, até o mencionado sitio do *Couto*.

O nosso povo costuma attribuir aos Moiros os principaes monumentos da antiguidade, como são por exemplo: *dolmens*, *castellos*, *monolithos*, etc..

Tal foi a impressão que os ardentes sectarios de Mahomet deixaram na Peninsula Hispanica!

Tarde, muito tarde, se poderá extinguir.

Em muitos dolmens tem-se encontrado toscos vasos de pedra circulares, em fôrma de pias.

Recordo-me de ter ouvido dizer, haverá dez ou doze annos, que no dolmen de Villarinho apparecêra um d'esses vasos rudimentares; mas não o vi, pelo que não garanto a veracidade do facto.

Este dolmen tem perfeita semelhança com a anta da Lourinha, no Alemtejo, mencionada por A. Philippe Simões na sua *Archeologia da Peninsula Iberica*, mas cuja gravura se encontra na *Architectura Sacra*, de Celestino Soares.

A sua cobertura granitica mede approximadamente 3^m,5 de comprimento e 0^m,4 de espessura, pouco mais ou menos, tendendo muito para a fôrma circular. É sustentada actualmte por seis supportes de 1 metro de largura e 3 de altura a cima da superficie do solo; antigamente devia ter pelo menos oito ou dez, mas alguns tem sido arrancados ou deteriorados pela acção do tempo.

Durante a estação hiemal, muitas vezes os pastores recolhem no interior do dito dolmen vinte a trinta cordeiros, isto de dia, emquanto demasiadamente tenros não podem acompanhar suas mães ás pastagens. E assim este apreciavel monumento dos nossos venerandos antepassados está convertido num redil de gado lanigero, servindo de abrigo ao mesmo tempo aos camponios contra as chuvas e as tempestades. Continúa, pois, prestando serviços ao homem.

Demora numa extensa planada, numa área comprehendida entre Castedo, Lousa, Cabeça de Moiro e Villarinho, cujos terrenos abundam em rochas de granito.

O Sr. Dr. Pedro Augusto Ferreira diz no *Portugal antigo e moderno*:

«Esta povoação (*Villarinho da Castanheira*) data de tempos muito remotos, como provam os *tres dolmens* que ainda aqui se encontram:

1.º Na alta planicie denominada *Couto*, cêrca de 3 kilometros ao Sul da matriz, no caminho de Cabeça Boa.

É um dolmen ainda com ara¹, assente sobre tres grandes pedras, a meio da planicie. A arã tem cêrca de 2^m,25 em quadro; as pedras em que assenta avultam sobre a superficie do solo cêrca de tres metros; o todo fôrma uma especie de casa terrea com entrada do lado

¹ [Por *ara* deve aqui entender-se o chapéu ou lage superior da anta. Alguns archeologos nossos chamam-lhe tambem impropriamente *mesa*, traduzindo o francês *table*. — J. L. de V.]

Norte, e junto d'este dolmen ha em communicação com elle um caminho subterraneo, coberto por lageas tambem de granito e que dá saída para o campo.

2.º Neste mesmo sitio do Couto. Já não tem ara.

3.º Junto do caminho de Moncorvo, á esquerda, indo de Villarinho da Castanheira, e distante d'esta villa cêrca de 4 kilometros. Tambem já não tem ara, mas só grandes pedras toscas de granito a prumo.

O povo denomina estes dolmens *Palas Moiras*, e está convencido de que encerram grandes thesouros, guardados por Moiras encantadas, que alguém julga ter visto na manhã de S. João; mas quem não acreditar não pecca.»

Desculpe-me o Sr. Dr. Pedro Augusto Ferreira, — mas sempre lhe direi que o seu informador deturpou os factos, senão vejamos: — A posição do dolmen do *Couto* é cêrca de 3 kilometros a Leste da matriz e não ao Sul; não demora bem no meio da planicie, mas um pouco na extremidade do Sul; ainda hoje se podem ver seis esteios, não tres, e antigamente devia ter pelo menos oito ou dez, como já disse; a entrada devia ser a Leste e não ao Norte.

Onde existe o 2.º dolmen? Já percorri o sitio várias vezes e nunca o pude encontrar. E a sonhada communicação? Nunca existiu; só se elle queria referir-se á sua *galeria!*

2. O dolmen de Zedes, como não possui os elementos necessarios para o descrever, nem ainda o visitei, deixo-o apenas mencionado.

*

Ahi estão, em Anciães, esses quatro monumentos, mudos, mas expressivos, a aguçar o appetite do primeiro archeologo que tiver occasião de os estudar minuciosamente, como é de necessidade.

Oxalá os nossos governos se dignem olhar a sério para estas e analogas construcções das antigas civilizações.

Se um dia assim succeder, Trás-os-Montes de certo ha de ministrar grande e variado contingente de preciosidades prehistoricas para a formação de um grande museu archeologico. Que Portugal desperte da sua lethargica prostração, e neste ponto siga ao lado das outras nações civilizadas — é o meu maior desejo.

Ligares, 15 de Março de 1895.

P.º JOSÉ AUGUSTO TAVARES.